ANNO 5.º — Sexta-feira, 8 de Março de 1912 — NUMERO 211

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

HISTORIANDO

IV

Porque não apareceram, então?!...

Não apareceram em 5 de outubro porque, sabendo o duelo de morte que se tinha travádo entre a nação, que queria a sua emancipação politica e religiosa, e o regimen, que queria a continuação da sua vida de obscurantismo e de saque aos réditos do país, vencido e expulso o trôno, desfeito estáva, desde êsse momento, o *statuquo* que lhes garantia a defêsa e a impunidade, que até aí tinham fruído.

E fôram tais os excessos cometidos néssa lucta desegual, fôram tais e infames as armas de que se serviram os serventuários da monarquia, nêsse ultimo periodo de vida do regimen, que, com justêza, sob o panico que a quéda do trôno lhes produziu, êles julgáram que iríam ser irremissivelmente pasto do odio e da legitima vingança dos vencedôres, que por si tinham sido tão injusta e ignobilmente afrontádos.

Certamente pensáram no primeiro momento—nós, no seu lugar de vencedôres, nunca perdoariamos; êles, portanto,—ai de nós!—desagravár-se-hão.

Assim pensando, timorátos, numa anciáda espectativa, quedáram-se, anuláram-se, não se mexeram.

Falar, chamar as atenções com um movimento importuno, sería despertar o leão, que, após a vitória, parecia ter atirádo sobre êles o esquecimento o perdão, e acerar-lhe as garras que podiam, bruscamente, despedaçal-os. Silencio completo, pois.

E êsse creançóla, que um destino macábro e cruel puzéra aí, uns mezes, como rei e que, de esfincteres lassos, se fez ao largo pela Ericeira, olhando á róda de si, na apressáda fuga, viu-se inteiramente desacompanhado. As jurádas dedicações á *sua radiosa mocidade*, ficáram embrulhadas na mais aviltante das cobardías.

Ninguem por êle arriscára um cabêlo, ninguem correu a oferecer-lhe o apoio do esforço do seu braço.

Os conselheiros, as *ligas monarquicas*, toda a turba-multa de bajuladores, tinha desertádo.

Nem a gente da Igreja e das sacristías que tinha, num entendimento sujo e secréto, jurádo á beáta Amelia de Orleans, a defêsa do trôno, cumpriu o pacto feito. Não apareceu, tambem.

No momento decisivo e proprio não apareceu ninguem.

E logo a seguir, expulsas as congregações religiosas que a Companhia de Jesus aí dirigía, éssa mesma gente, que se dizia sincéra e intensamente religiosa, não se opôz á expulsão decretáda e executada pelo governo do povo. Apesar das promessas que se haviam feito, a tudo faltou.

Nem em defêsa do rei, nem em defêsa das ordens religiosas, apareceu!

Os repugnantes cobardões!

Tudo aceitáram sem uma objecção, submissos, cabisbaixos.

Como criminosos confêssos, temendo a justiça do povo e, portanto, a expiação dos seus crimes calaram-se, não apareceram.

* * *

Organisádas as comissões administrativas republicanas em todo o país, ordenáram-se sindicancias ás administrações monarquicas, sobre quem pesávam acusações gràves e mandou-se que, perante as mesmas comissões, se fizésse a inscrição circunstanciáda da profissão de fé republicana dos cidadãos das respectivas localidades. Seríam, dést'arte, éstas delegações do povo, as entidades fiscalisadoras e vigilantes do novo regimen.

Nada mais justo. Regimen nascente, só a mãos inteiramente democraticas devía ser confiáda a sua guarda; só éssas comissões, num compléto entendimento, deviam velar pela sua conservação, e guiar-lhe, nos primeiros tempos, os primeiros passos.

Entregál-a leviana e inconscientemente a mãos não dedicadamente republicanas, sería expôl-a, não só a uma viciação desde o nascer, mas, tambem, pôl-a na contingencia dolorosa de ser estranguláda vingativamente, na primeira oportunidade. Só os republicanos, tantos anos posta á prova a sua dedicação partidária, tinham, nêsse momento, pelo grande amor que dedicávam a éssa causa, competencia moral para tão melindrosa taréfa.

Assim o pensáva todo o partido republicano.

Outros viriam, depois, enfileirar ao seu lado, de compassada e sincéra dedicação pelo novo regimen, que seriam aproveitádos quando preciso fôsse, dado que tivéssem capacidade moral para os respectivos cargos.

Havia os indiferentes e os enojádos déssa bandalheira monarquica que certamente viriam imediatamente oferecer o seu concurso á joven Republica. Os monarquicos, sem responsabilidades gràves nas delapidações e infamias praticadas, sem duvida iriam vindo, tambem, a pouco e pouco, acolher-se ao regimen de moralidade que se implantára.

Mas tinha sido tão agitádamente insultuosa, tão corrosivamente infamante a atitude do ultimo periodo de vida da monarquia que, entre monarquicos e republicanos, havia-se cavádo um fôsso inultrapassavel.

Para defenderem os seus previlegios e a sua vida de rapina, rei e defensores, de mãos dadas, todas as infamias atiráram sobre nós.

As bôcas monarquicas, que em defeza de um trôno devásso e gatuno, que lhes enchia fartamente o ventre, cobria o peito de penduricalhos, condecorando as mediocridades, emprestando-lhes prestigio que os tornasse grandes e respeitados senhores dêste povoádo, tanta lama vomitáram sobre a legião impávida da democracia que, nêsse momento e por um periodo mais ou menos lato, deviam conservar-se contraídas de raiva, espumando odio e a sua dedicação pela Republica, por éssas mesmas bôcas, ainda que jurada fôsse, tinha de ser tomada como suspeita.

Indubitávelmente.

Não podiam ter dedicação por um regimen que representáva a ruina das velhas oligarquias, que lhe quebráva os previlegios, o bastão dominador, que sobre êste povo, até então, havia pesádo com toda a crueldade.

Só ás comissões e ás autoridades de confiança absoluta, a Republica devia confiar a sua guarda.

Declarações importantes do governo inglez

Num recente telegrama expedido de Londres, deu-nos um correspondente a saber que Sir Edward Grey, ministro dos negocios estrangeiros daquêle grande país, respondendo na câmara dos Comuns a uma pergunta ácêrca do tratamento dos prisioneiros politicos de Portugal, declarou não ter informação alguma que confirme as alegações de crueldade cometida para com êles. *Ainda mesmo em caso afirmativo*, acrescentou o referido ministro, *visto que se trata de negócios internos de outra nação*, **o governo britanico não póde intervir nêles.**

Aqui está como na Inglaterra se pensa e se julga, posto que isto pése a muitos que nós vêmos deitar os bófes pela bôca fóra *a bem da Republica*, mas, no fundo, mórtos porque éla desapareça ou se desprestigie, como cláramente indicam os relissimos *patrioteiros* e escrevinhadôres das duzias.

As palavras do ministro inglez, cuja correcção está acima de qualquer elogio que da nossa penna pudésse saír, dizem, com exatidão, dos sentimentos que animam a velha aliáda, com quem se pretende malquistar as instituições sem olhar ao prejuizo que advíria para o país se tal acontecesse.

Só a chicote.

E' de mais

Continúam o tribunal das Trinas e os tribunais superiores a abrir as portas das prisões aos inimigos do novo regimen, que, uma vez na rua, se vão imediatamente juntar ás hostes *paivantes*, como agora aconteceu com o capitão de artilharia, Luis Augusto Ferreira e outros.

Isto é, decididamente, uma farça, nem póde deixar de ser. Em nenhum país, que muda de instituições, ha exemplos de benevolencia e magnanimidade eguais áquêles que em Portugal se teem usado, apezar da guerra surda, traiçoeira e ignobil que á Republica vêm fazendo, desde o seu inicio, os adeptos da monarquia do adeantamentos. Tem sido de mais. Tem até passado além dum abuso, que merecia castigo, se o governo não fôsse o primeiro a delinquir, acobardando-se de não fazer cumprir as leis promulgadas depois da revolução, o que mostra uma grande sôma de fraqueza, para lhe não chamármos outra coisa. E o mais engraçádo é que, quando se vê aflito, clama pelo povo para que salve as instituições e a Patria, como se êle, a eterna *bêsta de carga*, não tenha sido o mais sacrificádo no meio de tudo isto!

Juizo, juizo é que se quer na cabeça dos chefes republicanos para que o lêma da Republica—*Ordem e Trabalho*—seja integralmente cumprido e a nação possa produzir e caminhar.

Ha tropêços a embargar-lhe os passos? Arredem-se, mas por uma vez, com energia e sem olhar para traz.

No Brazil—é dos nossos dias—a Republica só se consolidou depois que desapareceram os delapiladores dos cofres publicos e parte dos imperialistas acostumados a uma vida de principe, sem nada produzirem.

Pois é preciso que o mesmo sucêda em Portugal. Limpese a sociedade do que éla tem de mau; dê-se caça ao escalracho daninho, que, dia a dia, a vem contaminando para a desmoralisar, e então havêmos de vêr o que melhor convém—se a Republica, se a monarquia, que deu as suas provas, legando-nos um estendal de ladroeiras, de mistura com autenticos criminosos da peor especie.

Resolva-se o governo a intervir, porque tanta mizericordia com traidores confêssos só redunda em prejuizo dos que desejam socêgo e o engrandecimento da Patria pelo trabalho honesto.

NÃO ADMIRA

No seu ultimo numero, o *Correio de Aveiro*, falando de Jaime Duarte Silva, preso na Penintenciária de Coimbra, por conspirador, diz que êle é *advogado distinto e um dos vultos mais considerádos e mais populares de Aveiro e dêste concelho*.

Nem admira dêsde que uma grande parte da sociedade se corrompeu, pactuando com a imoralidade e com os que, a cada passo, dão provas da sua baixeza de sentimentos e falta de caracter.

Caracol, caracol...

Anuncia-se, para bréve, o reaparecimento da gazeta local *Vitalidade*, espelho onde a hipocrisia se tem reflectido com o maior descáro, principalmente nos ultimos tempos.

Ela que *venga*...

O pacto dos braganças

MANUEL E MIGUEL

Transcrevêmos, por o termos visto traduzido da *Nova Gazeta de Zurich*, o artigo publicádo sobre a entrevista que os dois pretendentes tivéram em Dover, onde celebráram um acôrdo, esperançados, como andam, no bom exito da conspiração.

Leiam que é edificante:

«Quem fizer a travessia para Inglaterra por Calais, Boulogne ou Ostende, verá, ao saír da *gare* bastante primitiva de Dover, uma construcção de fórma quadrada que tem para os inglêses uma importancia historica. Foi nêste edificio que residiram, durante seculos, os chamados *Lord Wardens dos cinco portos*, a cargo dos quais se achava a defêsa dos cinco portos inglêses que, por estárem mais proximos do continente, se encontrávam mais expostos aos ataques de uma esquadra inimiga.

Naquélas épocas passadas, a existencia dos *Lord Wardens* tinha a sua razão de ser. Hoje êste cargo é uma sinecura preenchida por um aristocrata, que recébe um ordenado de 125:000 francos. Do ha muito que o governo vendeu a residencia dos *Lord Wardens*, em Dover, a Companhia dos Hoteis Gordon, que a reconstruiu em parte, transformando-a num hotel de primeira ordem.

Ha cêrca de 15 anos, um homem ainda novo, de barba loura e delicadas feições, fazendo lembrar um pouco Francisco I e Henrique IV, encontráva-se no salão daquêle hotel lançando olhares inquiétos para o lado do mar. Esperáva um hiate particular, vindo de Calais, que lhe devia trazer a nova tão desejáda de que o povo francês lhe pedia o seu regresso a França, para de novo restabelecer o trôno dos três lirios brancos. A Republica francêsa atravessáva então uma crise gravissima, a crise da *affaire Dreyfus*, e esperáva-se de um dia para o outro um pronunciamento do estado maior sob o comando de Boisdeffre e Mercier.

Logo que o joven estrangeiro avistou a embarcação, encaminhou-se rapidamente para o porto, seguido dos seus companheiros, a fim de partir para Calais. Tinha-se, porém, enganádo.

Os partidarios realistas, ao desembarcar, comunicaram-lhe que os seus planos tinham gorado e que a Republica ainda estáva muito solida. Vendo esvaídas as suas esperanças, o estrangeiro pagou a conta do *Lordwarden Hotel* e voltou para Woodnorton. Esse homem era o duque de Orléans, que ainda hoje espéra a corôa de França.

Ultimamente o salão do *Lordwarden Hotel* foi de novo testemunha de outro acontecimento historico. A 30 de janeiro de 1912 o ex-rei D. Manuel II encontrou-se ali com o duque D. Miguel de Bragança, e assináram nêsse dia um acôrdo dinastico terminando com as rivalidades dos dois ramos da casa de Bragança. Na realidade, ha apenas uma casa de Bragança que é representada pelo duque Miguel, cuja familia vive na Austria ha cêrca de 80 anos, desde a expulsão de D. Miguel I, em 1834. O ex-rei D. Manuel não tinha o direito de se apelidar Bragança. O seu nome de familia é Saxe-Coburgo-Gotha. Durante anos, o ex-rei Miguel e os seus descendentes protestaram contra a usurpação do trôno português e do nome de Bragança pelos Coburgos.

Agora, porém, o duque Miguel, que tem 59 anos, foi a Dover prometer ao usurpador o seu auxilio nas tentativas que de futuro se façam para restabelecer a monarquia.

Segundo os jornais reaccionarios que se ocuparam detalhadamente désta entrevista, D. Miguel renunciou a todas as suas pretenções ao trôno e ter-se ia contentado em receber as honras e o apanágio de principe de Portugal, no caso de restauração da realeza. A esta entrevisa assistiu o ex-capitão Paiva Couceiro, chefe da contra-revolução de outubro de 1911. que faliu tão vergonhosamente. A presença dêste homem prova que se déve ter combinádo em Dover um novo plano para combater a Republica.

Segundo todas as probabilidades devem ter repartido em Dover a péle do urso, antes de o ter morto. Com efeito, que importa á Republica que D. Miguel de Bragança dobre o joelho deante de D. Manuel na sala de espéra de um hotel inglês? D. Miguel nunca teve partidarios em Portugal, nem mesmo entre os realistas. E' pois caso para perguntar que especie de auxilio póde êle prestar ao seu competidor. Por outro lado D. Manuel II conta tambem muito poucos partidarios, porque, se não fôsse assim, não teria sido destrônado com tanta facilidade. A aliança dos dois pretendentes não poderá, portanto, fazer estremecer a Republica, porque quando dois cégos se juntam nem por isso vêem mais. Se os dois pretendentes tivéssem a coragem de se mostrar em Portugal, em vez de para lá mandarem agitadores, veriam que a Republica não os téme. Sabem, porém, que a Republica não os trataria com doçura e dévem lembrar-se do que aconteceu a Maximiliano, no Mexico. E'-lhes mais comodo fomentar desordens em Portugal e perturbar a existencia da joven Republica, impedindo-a de proseguir nas reformas necessarias para levantar o povo do lamaçal em que se achava.

Os republicanos, porém, não se deixarão iludir. Sempre que os monarquicos creárem perturbações interiores sempre que os eclesiasticos aconselhárem levantamentos, o governo de Lisboa tomará as medidas mais energicas para proteger a Republica. Bastantes vezes assim procederam as republicanos francêses, e o seu exemplo será fielmente seguido.

A Republica ri do acôrdo dinastico de Manuel e Miguel em Dover, dizendo áqueles que aspiram á corôa: *venham cá buscál-a.*

A AMNISTIA

Já sabem. A câmara dos Deputados regeitou por 63 votos contra 26 a proposta de amnistia aos conspiradores apresentada pelo chefe do partido *evolucionista*, Antonio José de Almeida, na terça-feira, e contra a qual tambem votou o povo das galerias que, com ruidosos vivas á Republica e á Patria, protestou contra a oportunidade de semelhante medida.

Se bem nos recorda, o espectaculo têve alguns pontos de semelhança com os que vimos representar no tempo da *ominosa*, em que era vulgar aparecerem nos programas dos partidos, sôfregos pelo podêr, os mesmos actos de generosidade, que o sr. Antonio José de Almeida copiou, com o agravante, apenas, das circunstancias em que se encontram os presos ou emigrados de agora, não serem eguais ás que tantas vezes leváram á masmôrra correligionarios nossos que só tinham em vista a salvação da Patria e nunca o seu aniquilamento, como está provádo que tem o bando couceirista.

Sendo assim, a resposta do governo, apoiádo pela maioria da câmara e a grande massa republicana da nação, não podia ser melhor nem mais eloquente.

Agradou aos monarquicos, aos traidores, a farça que o sr. Antonio José de Almeida representou? Sem duvida. De ha muito que para éssa gente o antigo tribuno e revolucionario faz as vezes de Messías. E' o seu Deus; é a sua estrêla!...

Seja. Porque ainda fica no historico partido republicano quem, menos vaidoso e com outro critério, se hade saber manter no seu posto até ao fim.

A Republica é para todos os portuguêses, somos déssa opinião; mas nunca para aquêles que se evidenciáram dentro da monarquia, assinalando-se como **esbanjadôres, petroleiros e gatunos.**

Uma visita do sr. ministro da guerra

A QUESTÃO DOS AQUARTELAMENTOS

Aveiro ameaçádo?

Afim de apreciar o estado de instrução dos recrutas e os aquartelamentos da guarnição, estéve, de passagem, nésta cidade, na sexta-feira ultima, o ministro da guerra, sr. tenente-coronel Alberto da Silveira.

Consta-nos que s. ex.ª ficou ótimamente impressionado com a instrução dos recrutas, que não encontrou melhor nos regimentos já visitádos.

S. ex.ª percorreu detidamente a instalação do 2.º batalhão de infantaria 24, numa parte do edificio do asilo, que achou em magnificas condições para quartel, quando concluído.

No entanto, convém não esquecer que encontrou os gràves inconvenientes a que já nos referimos nas colunas do *Democrata*, inconvenientes que ninguem tem querido vêr—nem a propria comissão municipal—que mais directamente déve pugnar pelos interêsses economicos désta cidade.

Pois embora isolados, prometêmos não largar mão do assunto, até que alguem tome em consideração as nossas palavras.

Tem-se dito para aí, com

os mais rasgádos elogios a várias entidades, e com o mais vivo prazêr de quem vê a solução cabal dum problema deficil e intrincádo, que a questão dos aquartelamentos está resolvida. Não é bem assim. Nós vâmos dizer alto para que nos ouçam, que éssa questão, que tantos amargos de bôca tem causádo aos que se interéssam pelas coisas da nossa terra, está muito longe duma solução satisfatória.

O regimento de infanteria 24, cuja disciplina e amôr ás novas instituições nós tantas vezes têmos enaltecido, ésse brioso regimento, que hoje é justamente considerádo como dos mais distintos do nosso exercito, e a quem o povo da nossa terra testemunhou uma das mais entusiasticas e afetuosas saudações a que têmos assistido,quando éle partia, intemeráto, para o cumprimento dum devêr, em defêsa da Patria e da Republica, ésse regimento, hoje tão consubstanciádo com os sentimentos democraticos dos habitantes désta cidade—**não tem quartel!!**

E' triste dizê-lo, mas é a verdade.

O 3.º batalhão foi para Ovar; e foi para Ovar porque talvez não houvésse quem, a tempo, quizesse ou soubésse pugnar pela conservação do regimento inteiro, nésta cidade. E dizêmos que não soubésse, porque até um telegrama que vimos publicádo na imprensa, e enviádo ao ministro da guerra, pela comissão encarregáda de tratar déste assunto, e nomeáda em comicio publico, no Teatro Aveirense, em junho do ano findo, era uma série de desconchávos, que havia de fazer rir o proprio ministro. Dizia éle assim pouco mais ou menos:

A cidade agradece a v. ex.ª a conservação integral de infanteria 24 e cavalaria 8 para que ha quarteis suficientes e solicita a colocação em Aveiro de infanteria 28, **afim de não saír o 1.º batalhão de infanteria 24!!!**

Agradecia-se um disparate, e dava-se como justificação dum pedido, um disparate ainda maior. E' claro que o ministro via logo que a cidade de Aveiro não sabia o que queria; e no entanto, se alguem se interessásse a valer pelo assunto, e com o conhecimento de causa que o interésse pelos melhoramentos da cidade reclamávam, não sería, talvez, dificil obter, na ocasião em que infanteria 28 não tinha destino, que o 24 ficásse todo em Aveiro e o 28 distribuido por Agueda e Ovar para o que bastaría fazer uma pequena modificação na divisão das circumscrições dos distritos do recrutamento.

O 3.º batalhão foi, pois, para Ovar e os restantes ainda ficáram—separádos a dois kilometros de distancia um do outro!

Bem dizia o *Campeão*, no seu numero de sábado passádo, a proposito da visita do ministro, que s. ex.ª *tinha visitado o quartel de cavalaria 8 e as instalações de infanteria 24!...*

Efectivamente, instalações é que são; as de um batalhão na parte que não é aproveitáda por cavalaria, e as do outro no edificio do asilo. E para que se avalie o que teem sido éssas instalações, basta dizer que o gabinête do comandante do regimento tem servido, ao mesmo tempo, de secretaría onde trabálham amanuenses, e outras dependencias da secretaría têm estado no mesmo compartimento com as oficinas de sapateiro e alfaiate!

E' facto que as secretarías vão instalar-se no odificio do asilo, depois de concluido. Mas continuarão os dois batalhões isolados, sendo cérto que isso só póde admitir-se provisoriamente e nunca como uma solução definitiva?

E bem assim o paréce ter compreendido o sr. tenente-coronel Silveira,pois segundo nos informam, chegou a afirmar que, *ou todo o edificio do asilo sería cedido para instalação dos dois batalhões ou tomaría uma resolução*, que naturalmente sería a saída dum dos regimentos aqui aquartelados.

Estão, portanto, ameaçados os nossos interesses. Sucedeu o que de ha muito nós previamos. Qualquer outro ministro da guerra, tomaría identica resolução.

Os batalhões tais como estão, não só acarrétam para o Estado maoir aumento de despeza, mas prejudicam consideravelmente a disciplina, dificultam o serviço de instrução e de administração militar, duplicam o serviço regimental, já pesádo pelo exiguo pessoal a que as unidades ficam reduzidas pela nova organização do exercito e até fazem desaparecer o sentimento de camaradagem que unía todos os oficiais do 24, prejudicando tambem o espirito do corpo, que tanto tem contribuido para fazer sobresaír o nome do regimento.

E o serviço nos quarteis tem sido tão pesádo que nós temos ouvido queixarem-se oficiais de que, devido á separação dos batalhões, e portanto á necessidade de haver dois grupos de individuos para serviço diario, alguns teem folgado apenas 24 horas dêsse serviço, dormindo, por conseguinte, nos quarteis em noites alternadas!

Este estado de coisas não póde prolongar-se indefinidamente, e o ilustre ministro da guerra assim o entendeu, reconhecendo a necessidade de instalar os dois batalhões em todo o edificio do asilo.

Poderá argumentar-se que noutras terras os quarteis não são melhores; mas essas, perante as ameaças do ministro, vão-se mexendo. Agueda vai construir um quartel magnifico para o seu batalhão; Figueira da Foz vai contraír um emprestimo para um quartel; Nelas está já tratando de aquartelar o seu regimento de cavalaria; Coimbra após a visita do ministro, já lançou o seu brado de *álerta* por lhe constar que os quarteis de infanteria 35 e das metralhadoras não tinham sido encontrados em bôas condições. Santarem, Elvas e outras terras reclamam o aumento da sua guarnição e oferecem quarteis esplendidos.

Nós têmos tambem no asilo um edificio magnifico para os dois batalhões do 24. Urge, pois, procurar, no convento de Jesus, em qualquer outro edificio, alojamento apropriado para os asilados, o que não será talvez dificil—com bôa vontade de todos—e isto para que não sejâmos prejudicádos num melhoramento de incontestável valôr para a nossa terra.

Voltarêmos ao assunto.

ACONTECIMENTOS POLITICOS

No tribunal do 1.º distrito do Porto respondeu na segunda-feira, em audiencia de juri, o paroco da freguezia do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, reverendo João da Silva Gomes, que era acusado de, em maio de 1911, ter propaládo boatos alarmantes e tendenciosos, com prejuizo do Estado e da segurança social.

Foi condenádo, em atenção á sua avançada idade, 69 anos, e ao bom comportamento anterior, em 30$000 reis de multa e nas custas e sêlos do processo.

Este padre é natural da freguezia de S. Pedro das Arádas.

* * *

Segundo alguns diarios, o juiz, sr. dr. Costa Gonçalves, pronunciou agora 13 dos individuos presos no forte do Alto do Duque a quem são atribuidas responsabilidades no *complot* de Aveiro, entre os quais se contam o padre Abel, de Oiã, conhecido masmarro, redactor dos *Ecos do Vouga*.

E' o que se chama acordar precisamente no alvorecer da *aurora*, que o *grande sol*—Antonio José de Almeida—ilumina e... aquéce...

A bestialidade humana

S. Torquato de Guimarães

Ha muito que as religiões tem para nós a importancia social que acredita a existencia das bruxas e dos lobisomens. Originadas e alicerçadas na ignorancia, as religiões tem sido uma mina inexgotavel para os cinicos exploradores que procuram mantê-las atravez de tudo, pela mentira e pelo mêdo. Roubar e martirisar em nome délas, tem sido a longa existencia da egreja, em volta de um Deus que êles apresentam como a antitese de tudo o que põem em pratica.

E a tal ponto, para conseguimento dos seus fins, a egreja levou a bestialisação do homem, que arvorou em dogma a não discussão dos seus ensinamentos, para que o seu absurdo sistema de doutrinas não encontrasse dificuldades na relutancia do espirito humano, em aceitar aquilo de que não póde fazer ideia.

Apresentêmos alguns factos que, serenamente apreciados, abálam, por completo, o edificio de mentiras, arquitetado pelos vendilhões catolicos. Para não remontarmos mais longe, basta lembrar o terramoto de Benavente que deitou por terra a egreja paroquial, muitos roubos nos templos feitos por ocasião da lei de Separação, e, ultimamente, o desmoronamento da egreja de S. Torquato, de Guimarães.

Este santaralhão passáva, em toda a redondeza do Minho, por ser um monstro de milagres.

Sua moradía era uma alfandega onde o ingénuo aldeão do Minho, extreme na sua ignorancia, como o produziu a madre naturêsa, ia todos os anos despejar uma bôa maquia que toda se consumia na engorda do enxundioso masmarro, que regorgita na abastança, á custa do infinito numero dos parvos.

Pois, com toda aquéla fama milagreira que soáva ao longe, por muitas leguas em redondo, num bélo dia, por ocasião dos ultimos temporais, por ordem do seu patrão, o padre eterno, vem um raio do céu e deita-lhe abaixo o seu solar de macissa cantaria, pondo, assim, em cheque, a grande fama do seu fiél servo—o S. Torquato de Guimarães. Pois, com todo êste pêso de desprestigio e descrédito, já se chamou um arquitecto para levantar a casa do milagreiro santo que não teve podêr bastante para a resguardar e muito menos para a levantar agora!

Qualquer mortal, assim abalado na sua reputação, era homem morto. Ninguem mais recorreria ao seu patrocinio por ineficaz e ridiculo. Pois aqui dar-se-ha o contrario. A besta humana, deformada pela acção lenta de muitos seculos de ensino clerical, proségue na sua estupida çagueira.

O templo será reparádo em honra da intrugisse, e o rustico ignorante do Minho, sem abálo na sua fé, entrará e ajoelhará em frente do desacreditado *santo*, carregádo de oblatas, pedindo-lhe que lhe acuda em alguma desventura, quando éle não teve o podêr de desviar o raio da casa que lhe cedêram sem renda, e que custou o sangue de tantos pobres de espirito!

E nem com êstes safanões recúa a bôa fé do imenso numero de idiotas, tão funda tem sido a obra de depravação dos espiritos, operáda pela egreja com o seu nefasto predominio de seculos.

Da Barra á Costa Nova

Está completamente intransitavel, como previamos, devido ás ultimas cheias, a estrada que liga estas duas praias e por onde durante a época balnear, costumávam passar milhares de pessoas utilisando todos os meios de transporte, mas, de preferencia, carros e bicicletas.

Em vários pontos a agua do rio cortou-a para entrar pelo extenso areal e noutros então, devido, talvez, ás correntes, escavou de tal maneira por baixo, que o resultado foi arrasta-la consigo não deixando déla o mais pequeno vestigio.

Estâmos, pois, privádos de ir á Costa Nova. E os que acostumádos estávam a frequental-a, no verão, com certeza se hão de vêr obrigados a escolher outra praia, caso o governo não dê as providencias necessarias para que, logo que melhore o tempo, se principiem os trabalhos da construção da que a tem de substituir, visto não ser da bôa administração o concerto désta, como já o ano passado dissémos.

A' câmara de Ilhavo, que é a quem mais interéssa, pedimos não descure o assunto, rogando nós ao sr. governador civil empregue os seus melhores esfórços junto do sr. ministro do fomento no sentido de abreviar quanto possa o ligamento désta cidade e da Barra com a mais aprazivel praia do nosso litoral.

Aprazivel e economica.

TRIBUNAL DAS TRINAS

Na sessão de quarta-feira um deputado apresentou no Congresso um projecto sobre a extinção dêste tribunal criado em Lisboa para julgamento dos conspiradores, o que veio confirmar a sua inutilidade, como, exuberantemente, se prova por as sentenças ali dadas.

A acresssentar têmos uma nota curiosa: na mesma ocasião em que na câmara se tratáva do assunto, os individuos que assistiam á absolvição de mais um réu, lavrávam o seu protésto, assentando no costado dos jurados e advogado algumas bengaladas, pelo que têve de intervir a força armada.

E' que a paciencia tambem se esgota e então deixem-nos dizer: muito tem éla durádo...

A' CAMARA

Porque assim entendêmos interpetrar a opinião dos nossos conterraneos, vimos mui respeitosamente pedir á Comissão Municipal Administrativa que lance os seus olhos para a barraca armada nos Arcos por dois dos engraixadores do local e que, francamente, não déve consentir-se por prejudicial ao transito e pouco decente no sitio onde a colocáram

A um canto duma praça, sim, era, talvez, admissivel; porém no logar em que está, condenamol-a e comnosco todos aquêles que se interéssam mais ou menos pelo aformoseamento da cidade.

Carta aberta ao editôr do "Correio„

UMA SEMANA DEPOIS

Ex.mo Sr. José Maria

Consagrado o principio, como uma nota do bom tom, *sui generis*, absolutamente moderno e evidentemente demonstrativo de que, quando nos fale Antonio devêmos tratar o assunto respondendo a Manuel—tal qualmente o nosso apreciavel Cherubim do Vale de... Josafat, sem respectivo toque de corneta de Jericó,—lembrámo-nos endereçar estas palavras a v. ex.ª, não atravessando o espaço com a velocidade do comêta Haley, mas contentando-nos com a marcha deslocada por um *auto*, em plena estrada da Murtoza.

Póde v. ex.ª argumentar que, não sendo chamado para o assunto, não temos o direito de encomodar v. ex.ª distraindo-o do aproveitavel tempo empregado na sua grandissima tarefa de escritor, jornalista, orador e funcionario!...

Mas, *noblesse oblige*, meu caro senhor.

Inaugurado na grande esféra das poderosas intelectualidades locaes, por um dos seus mais brilhantes ornamentos êste grande principio—de que se nos falam da esquerda devêmos responder para a direita—resolvemos encomodar v. ex.ª tratando este caso, quando, de mais a mais, ha uma identificação tão completa entre a pessoa escolhida para o inicio do sistema—o dr. Brito Camacho—e v. ex.ª, um dos mais poderosos cérebros do universo...

Sabe v. ex.ª que se tem apontádo nas colunas dêste jornal, em sucesivos numeros, as razões de incompatibilidade entre o cargo e a pessoa do sr. dr. Cherubim do Vale... de Josafat, como auditor substituto.

S. ex.ª teve do facto conhecimento por um furtuito acaso, porque s. ex.ª não lê a imprensa... insignificante.

De *paletot* no braço, *bádine* em punho, e já coberto, num gesto mole, de enfado, contrahindo a sua béla face morena num ar de contrariedade denunciadora de que por dever de oficio aceitava aquêle sacrificiosinho; olhos em alvo, como num extasi de ardente misticismo, quedou-se, e, mandando o Balacó pousar o cachimbo, ditou-lhe aquélas famosas cinco colunas que o seu *Times* publicou na semana ultima, com aviso prévio do seu aparecimento, que se demorou, porém, por doença de *personna grata!*

* * *

Se bem nos recorda, já ha tempos discutimos,divergindo,comtudo, da inconveniencia da distribuição de faroes nas costas da Noruega, sem todavia ficar definitivamente esclarecido de que lado estava a razão: se do meu se do jornal suéco—*Khobengern-Zeitung*.

Era v. ex.ª além do vigoroso jornalista, tambem um simples sustentaculo da monarquia, aliás muito culto e nada retorico, aliando a uma argumentação cerrada e fina, como a ponta de um punhal, a graça esfusiante e alegre, donairosa e coquete como uma tentadora *Jupe-Culotte* da *élite*, á alta novidade do *bois de Bologne!...*

Não é de estranhar esta nota na personalidade de v. ex.ª Quem o julgar pelas aparencias engana-se redondamente!...

Sob a ferrea ardencia das suas multiplas ironías e constantes repelões á serenidade da justiça, v. ex.ª é essencialmente um impulsivo, e assim o genio se ergue e mostra na banal rudeza das maneiras e do vestuario...

Nas mais insignificantes cousas se nota isso. No seu desalinho geral, no cóz das calças por baixo do umbigo, com grande orla da camisa separando-o do colête, dando-lhe por essa altura um verdadeiro aspecto pategal; nas suas barbas descuidadas e hirsutas, extensa e densa mata para diversas procreações; nas compridas melênas, caídas sobre o capuz do eterno gabão, que formam um pedestal, guarnecido a fartos caracoes, com baixos relêvos duma colunata sobre o que descança, nobremente, formidavel caréca em embrião, tampa dum dos cerébros mais bem organisados que a luz do sol tem aquecido.

Mas nêste mesmo desalinho que afasta v. ex.ª do mais infimo Petronio, ergue-se inexcedivel e odorifera a flôr mimosa e fina dos bardos, que só cultivam os apaixonados e os geniaes, e que ordinariamente lhe aromatisa a volta do seu porquissimo gabão!...

Vão, porém, passados anos, fez-se até uma revolução em Portugal!

O alto prestigio e os esforços heroicos, tão mal empregados por aquéla ruim causa, mantidos, todavía, por v. ex.ª com tão inegualavel brio; o fenomenal discurso de v. ex.ª na batalha da Fogueira, que se póde classificar como o balão de oxigenio que prorogou a existencia da monarquia, discurso que têve o patriotismo de Joaquim Pinto Ribeiro, e a bravura dum Nuno Alvares Pereira, toda essa incomensuravel taréfa que v. ex.ª sustentou com desusada coragem, tudo foi inutil, áparte o registo brilhante que a Historia fará dos que éssa menção merecerem.

Seja como fôr, não nos dirigimos hoje ao simples paladino da monarquia, que apenas cuidáva em manter um regimen sifiliticamente constitucional.

Nêste momento encontrâmos v. ex.ª com responsabilidades edificadoras, como bom patriota, tratando de *consolidar* o regimen, a seu modo, ainda fóra do uso duma sobrecasaca, que v. ex.ª deve ter visto nos outros, mas já dentro da contingencia grave e ponderada de um provavel governador de provincia, um dia em que isto assente num principio federativo...

Como v. ex.ª, tivémos esperanças no movimento de 5 de Outubro:—julgámos que ao vermelho alvorecer déssa madrugada feliz, igualaría com um ocaso tranquilo e morno como o duma magnifica tarde quente de verão.

Vimos prontamente em actividade todo esse soberbo plano do engrandecimento nacional.

Imaginámos vêr em execução todo esse programa democratico, dito e redito nas grandes orações dos notaveis paladinos e decorrer a existencia feliz da nação entre um côro de hossanas e os dôces efluvios duma paz segura.

Nada ou quasi nada disso, porém, se tem dado.

Vimos a Revolução triunfar, vimos desde os homens mais graduados até descalços e maltrapilhós evitar, fanaticamente, tudo quanto podésse por qualquer fórma macular a pura grandeza déssa revolução e tambem vimos, que, conhecida a generosidade e orientação dos que tinham á sua conta os destinos do governo, principiaram de ser hostilisadas as novas instituições do país.

Então o novo regimen defende-se, na raia, na capital, na provincia e por onde se via assediado infame e traiçoeiramente.

Prende, condéna, julga, mais para inglez vêr, permita-me v. ex.ª a expressão, do que para julgar de facto! E de quem acha v. ex.ª que seja a culpa *dêste ocaso, que não é tranquilo e morno como o duma magnifica tarde de verão?*

Dos conspiradores? Dos inimigos da Patria? Não. Das instituições.

Porquê? Porque se defendem é claro.

Pois se v. ex.ª fôr atacado á mão armada e possa aniquilar o seu agressor—matando-o—é um assassino. Sem mais preambulos!

Assim como merecería v. ex.ª a classificação de besta, se roubado na sua carteira, não chamasse o gatuno para lhe dar ainda uns miudos em prata que encontrásse num dos bolsos do colête...

V. ex.ª atinge, sem duvida, a... parabola...

* * *

Nunca cultivámos relações para nosso proveito e nunca ocupámos logar á meza do orçamento por julgarmos que, ainda que diminutos fôssem os recursos vindos da nossa profissão, tinhamos os feijões da quinta e o rendimento dos *tugurios* da Figueira da Fóz.

Infelizmente não podêmos dizer o mesmo sobre politica. Se aqui o não temos, por palavras, abertamente confessado, mais de que sobejo o evidenciâmos por actos—com as nossas relações e amisades—não referindo o que passámos por Táboa, nas ruas e na imprensa, na defeza cerrada e céga do programa do imortal Bacôco.

V. ex.ª deve conhecer este caso. Deu-se após a questão dos faroes na costa da Noruega—condizendo com a época em que o melifluo e moreno Cherubim do Vale... de Lafões foi rogado para desempenhar o cargo de auditor substituto, cousa taluda, que, herdada dentro da monarquia, a Republica respeitou ena manifesta deferencia da autori-

dade superior do distrito de então, que o mesmo sr. Cherubim do Vale, pessoalmente, não póde esquecer e que—confissão insuspeita—*politicamente lhe não merecia!*

E agora muito menos—pode v. ex.ª acreditar—nomeadamente desde que, descoberto o repelente *complot* local, sob a *habil* direção de Jaime Duarte Silva, o referido Cherubim se identificou com o traidor, não na traição propriamente dita, pois joga sempre pelo seguro como em Táboa, mas no auxilio de toda a especie, desde a visita assidua ás cadeias por onde tem passado esse miseravel, até todo o auxilio material e moral que se lhe póde dispensar assim como a todos os seus companheiros, não excluindo o *honrado* Manuel de Oliveira!!!

Comprehende pois v. ex.ª que os raios furibundos despedidos pelo Jupiter Tonante, não proveem da razão citada, de que o rico dr. Cherubim era ou não *historico, prehistorico, diluviano ou anti-diluviano!...*

Não confundâmos, ex.mo sr. O disiquilibrio atmosferico que produziu a tempestade, foi o conhecimento dos factos, que por mais de uma vez têm sido apontados e que dentro da prosa espirituosa e macia das cinco argamassadas colunas do *Times* local, o nosso querido Cherubimsinho não repéle uma só, uma unica.

Façâmos-lhe, comtudo, a vontade. Corte-se-lhe o cordão umbilical que o liga ao malfadado logar. Venha o alveitar para a operação.

Volte o joven ao Vale... de Josafat—se não quizér ficar noutro *vale*, que o antecede—e descance que nenhum correligionario de Brito Camacho lá irá *anarquisar* com a febre legisladora que os acométe na Terra.

Compreende v. ex.ª que ésta referencia é inteira para Afonso Costa...

Isto suponho eu e v. ex.ª tambem.

Calcule ex.mo sr. José Maria que figura não faria esse homem defrontado com o Cherubimsinho, o poderoso intelectual indigena!!!

Quer v. ex.ª mais imodesto arreganho e mais *pelintrica* vaidade?!

Mandarei bréve a v. ex.ª os meus artigos de controvérsia no assunto referido sobre a iluminação das costas maritimas da Noruega...

Se v. ex.ª entender e aprovar, principiarei de novo a tratar do caso, defendendo a ideia de colocar os faroes e outros fócos ao correr das estradas da Murtoza, éssa vasta região que foi o dourado berço de v. ex.ª.

Apertando-lhe afectuosamente a mão, confesso-me,

De V. Ex.ª
um sincéro admirador,
Serafim... dos Anjos.

Memorias

Por disso as acharmos dignas, começâmos hoje, noutro logar dêste jornal, a publicação das interessantes notas deixádas pelo general Malaquías de Lemos, comandante das guardas municipais de Lisboa, sobre a revolução de Outubro, e que de algum modo hãode servir como subsidio para a história dêsse movimento, que cértamente os nossos leitôres desejarão conhecer em todos os seus detalhes.

Um achádo

Foi preciso que o jornalismo, em Aveiro, chegásse a ser exercido por mercieiros, que mal sabem fazer o seu nome, para que em letra redonda apareça exaltada a *superioridade intelectual* do celeberrimo *Mijarêta* e, o que é mais, a sua *honestidade*, quando toda a gente sabe o que tem sido a vida déssa repugnante criatura.

Vale-lhes, aos tais *jornalistas*, o têrem acabado as comendas em Portugal; quando não podería contar o primeiro que se pronunciasse no sentido que vimos apontando, que daqui gritaríamos ao governo: venére-o, vonére-o!...

Para ficar marcádo...

O FERNÃOSINHO

Aos quatro ventos da publicidade está anunciádo pelo grande *Diario do Porto,* um dos que tudo faz *por amor da nossa joven e querida Republica*, a bréve aparição de um livro excécional de graça e ironía, representando ao mesmo tempo uma profunda facáda no ventre das instituições, no qual o incomparavel dr. Fernão Côrte-Real, seu autor, fará a narrativa *órrivel* da sua peregrinação de Agueda ao forte de Caxias, nos diversos capitulos alegres e melancolicos!...

As melhores paginas, porém, são aquélas que tratarem exclusivamente do corpo de delito e causas do crime, que são tres:

1.º—Ser afilhado do dr. Albano de Mélo; 2.º ter orado—e por bom signal, admiravelmente—no comicio da Fogueira; 3.º manter relações com pessoas em evidencia da sua terra, suspeitas de monarquicas.

Pois faltou indicar a quarta razão: receber mezadas, em Coimbra, de proveniencia suspeita e mais suspeitos os motivos porque élas lhe eram enviadas...

O livro déve fazer grande *restolho*, no meio de identicas explorações.

Parabens menino!

Processões

Depois da de Cinza, tivémos, no domingo, a dos Passos, na freguezia da Vera-Cruz, que percorreu o itenerário do costume sem que, contudo, se désse qualquer conflito. Os animos, porém, tendem a azedar-se e a parte liberal da cidade crêmos que não estará disposta por muito tempo a ouvir, sem protesto, as babozeiras dos que pretendem impôr, á força de insultos e ameáças, as suas crenças, aos que num plêno uso de um direito, que a lei lhes faculta, não se acham com vontade de trair a sua consciencia, praticando actos contrários ao seu modo de vêr e pensar.

E' preciso que os senhores das procissões se convençam duma coisa: é que com a mesma razão com que pretendem que o cidadão se descubra deante das imagens exibidas na via pública, essa mesma razão póde sêr invocáda pelos livres pensadores para obrigarem os católicos, em condições semelhantes, a pôr o seu chapéu. De aqui não ha fugir. Mas parece-nos que tudo isso se podería evitar se o bom senso entrásse néssas almas piedosas, como tudo aconselha, e não viéssem cá para fóra afrontar-nos, tornando-se intolerantes, já que a autoridade superior do distrito não quer proibir de vez essas fantochadas, proprias só dum povo atrazado e sem conhecimento do que seja civilisação.

Está á espéra que se dê algum conflito gràve? Que corra sangue nas ruas de Aveiro? Que, porventura, haja mortes? Tudo léva a crêr que sim a não ser que tenha mudado de opinião depois do que se passou, no domingo, nos Arcos, e que a ésta hora o sr. comissario de policia lhe déve ter comunicádo.

NOTAS DA CARTEIRA

Realizou-se no sábado passado o consorcio do nosso amigo, sr. Antonio Felizardo, digno chefe aduaneiro, com a sr.ª D. Mécia Pinto de Barros Miranda, gentil filha do sr. João Pinto de Miranda.

Como testemunhas assináram o auto de registo, que foi lavrádo pelo dr. Nobre, os srs. dr Simão José, delegado do P. da R. na comarca de Fornos de Algodres e dr. Adelino Augusto Simões da Fonseca Leal, advogado na Guarda, irmãos do noivo e Antonio Maria Beja da Silva, dr. Luiz de Brito Guimarães, Eduardo Pinto de Miranda, João Pinto de Miranda, Regina de Barros Miranda, Felizardo Antonio Saraiva, (estudante da Universidade), Francisco Dias da Cruz Pinto, (tenente de cavalaria), José Maria dos Santos Freire, José Gonçalves Gamelas, D. Laura dos Prazeres Rodrigues e D. Crisanta Regala Rezende.

Casamento de pura inclinação, augurâmos aos simpaticos noivos, que conhecêmos pelos bonissimos predicádos que nêles concorrem, um futuro risonho e feliz.

= Deu-nos esta semana o prazer da sua amavel visita, o nosso querido amigo e antigo correligionario de Oliveira de Azemeis, a quem está entregue a administração do importante concelho, sr. Fernão de Lencastre, que se fazia acompanhar de mais dois correligionarios do Pinheiro da Bemposta, srs. Francisco Alves Martins e sobrinho.

Agradecêmos, reconhecidos, o seu abraço.

= Estivéram tambem em Aveiro os srs. Martins Alberto, de Nariz; Francisco Correia de Sá e Mélo, de Pardos, Alquerubim; Joaquim de Matos, de Pinheiro; João Afonso Fernandes, da Quintã do Loureiro e Pedro José de Lima, do Porto.

= Regressou á sua casa de Lisboa o nosso amigo, sr. João Ferreira, que aqui veio passar alguns dias em companhia de seu irmão Antonio Maria Ferreira.

= Consorciaram-se em Lisboa o sr. Manuel Marques da Graça com a menina Maria da Conceição.

A noiva é natural de Santa-Combadão e o noivo da Azurva.

Muitas venturas.

= Completou 18 primavéras a menina Rosa de Jesus Pereira, galante filha do nosso assinante, sr. Manuel José Luiz Pereira.

Os nossos parabens.

= Deu á luz uma creança do sexo masculino a sr.ª Joana Rosa Rezende da Silva.

PROCESSOS... POLITICOS

O *Povo de Agueda*, orgão do partido *evolucionista*, acorrentádo ao sr. Antonio José de Almeida, faz, no seu ultimo numero, a insinuação de que a campanha levantáda por nós contra a permanencia do sr. Cherubim Vale Guimarães no logar de auditor substituto, é movida tão sómente por o *distinto advogado ter relações pessoais com individuos presos por conspiradores,* afinando, désta maneira, pelo diapasão do coléga *Soberania do Povo,* que tambem, ha dias, disse a mesma coisa por conveniencia... da sua politica.

Pois quer um quer outro se enganam, deixem-nos falar assim, apezar de estármos capacitádos do proposito que teem de alterar o fim moral da causa que nos demoveu a abordar êsse assunto.

Que nos importa a nós, pessoalmente, que o sr. Cherubim tenha relações e visite conspiradores? Não os tem visitádo, por ventura, *correligionarios* (?) nossos, dos que gostam de agradar a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo? E nós já dissémos a êsse respeito alguma palavra?

Ouçam o *Povo de Agueda* e aquêles que quizerem ouvir:—os republicanos, os que sempre lêram pelo codigo da *jurisprudencia jacobina*, o que não querem é vêr a ocupar logares de confiança da Republica individuos que ostensivamente alardeiam a sua animadeversão absoluta contra as instituições não perdendo um unico momento de as hostilisar, com verdade ou sem éla. E o sr. dr. Cherubim está precisamente dentro dêste caso, como em demasía sempre tem evidenciádo na conferencia, na palestra e no jornal, que semanalmente aqui se publica com o titulo *Correio de Aveiro.*

Não o tem lido o *Povo de Agueda?* O' se tem, mas...

Emfim e para encurtar razões: o que nós querêmos, o que só pretendêmos, nós, os republicanos sem partido, por emquanto, é que *não façam ninho os milhafres nas cavernas dos leões*, como nol-o ensinou um dia um dos redactores da gazeta de Agueda, dr. Antonio Brêda.

VENTOSAS

FÁBULA

A Raposa e as... grades da gaiola

«O deputado por Azemeis, Marques da Costa, vendo o desplante com que os juizes do Supremo estão despronunciando todos os conspiradores do 29 de setembro, apresentou um projecto de lei para acabar com aquéla farçada, amnistiando imediatamente todos os restantes presos.

Os conspiradores Antonio Ferreira, Jaime Duarte Silva e Inocencio Fernandes Rangel, presos na Penitenciária de Coimbra, escreveram aos jornais declarando não aceitárem tal amnistía.»

(Das gazetas).

Cérta raposa enjaulada
numa gaiola valente,
mau grado ser bem tratada
não estava ali contente
e enfurecida, danáda,

o animalejo brutêsco,
atiráva-se á prisão
mordia os ferros, grotêsco,
já se sabe na intenção
de se pôr d'ali ao fresco.

Em sangue pôz o focinho,
té que vendo finalmente
náda fazer, diz baixinho:
—ora eu 'stou bélamente
—na gaiola; ando gordinho,

—fôfa cama que conforta...
—deixo-me estar que estou bem.
—Vou-me deitar... que me importa?
E foi-se, a olhar com desdem
p'rá fechadura da porta.

Mas eis que a sente bulir
e volta, pronta, o focinho...
—'scusas, 'scusas de te abrir,
—não te aceito o favorsinho,
—nem tal coisa ia pedir!...

* * *

O nosso aniversario

Muitos fôram os amigos que nos escreveram a felicitar-nos pela entrada do *Democrata* no seu 5.º ano, e não menos fôram as provas de solidariedade recebidas de alguns colégas da imprensa a quem estâmos devéras reconhecidos.

Dêstes cumpre-nos ainda destacar os que déram maior latitude ás suas noticias, e que fôram, entre outros, os seguintes, dos quais passâmos a transcrever as suas amaveis referencias:

De *O Radical*, Oliveira de Azemeis:

"O Democrata"

«Entrou no 5.º ano da sua publicação este nosso presadissimo confrade de Aveiro, um dos mais valorosos combatentes do antigo partido republicano.

Dirigido pelo nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro, republicano audacioso e intransigente, *O Democrata*, sendo um magnifico semanario, de larga leitura, foi um incarniçado inimigo da crapulosa monarqnia, sustentando varias campanhas jornalisticas com uma inergia e com uma tenacidade que lhe grangiáram a simpatia e o louvor dos verdadeiros republicanos.

Republicano radical, como nós sômos, defendendo os principios que nós defendêmos, é com intima satisfação que lhe dirigimos as nossas cordiaes saudações, desejando-lhe a continuação das suas prosperidades e dos seus triunfos.»

De *O Desforço*, Fafe:

«Felicitâmos sincéramente este nosso distinto e apreciavol coléga de Aveiro, um grande e sincéro luctador dos verdadeiros principios republicanos, por ter completado 4 anos de existencia.»

De *O Familicense*, Famalicão:

«Entrou no 5.º ano de publicação o nosso ilustre coléga *O Democrata*, semanário republicano radical de Aveiro, pelo que muito o felicitâmos, desejando a continuação de mil prosperidades.»

De *O Mundo*, Lisboa:

«Entrou no 5.º ano de vida o nosso presado coléga *O Democrata*, dirigido pelo nosso amigo e antigo republicano, Arnaldo Ribeiro. Ao estimado confrade, que belos serviços présta á Republica, os nossos cumprimentos.»

De *A Liberdade*, Aveiro:

«Completou mais um ano de existencia o nosso coléga local *O Democrata*, inteligentemente dirigido pelo nosso amigo Arnaldo Ribeiro. Sem transigencias de especie alguma e com uma perfeita linha de coerencia, *O Democrata* tem sido um audaz combatente da reacção e da *talassaria* local, cujos pôdres tem escalpelisado com desusada energía. Felicitâmos cordealmente o nosso coléga, garantindo-lhe mais uma vez a nossa leal camaradagem.»

Do *Jornal de Vagos*:

«Este nosso presado colèga de Aveiro, que é superiormente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro, acaba de entrar no 5.º ano da sua pu-

Dos factos que vou expôr, com tanta lucidez quanta é possivel no estado precario da minha saude, existem numerosos testemunhos.

Em muitos pontos terei que ser, tavez, um pouco prolixo, mas a minucia é necessária, porque ha pormenores que derramam luz sobre os acontecimentos.

A exposição que vou fazer é, pois, rigorosamente exacta. Unicamente, quando em absoluto não as omito, não me detenho em referencias que poderiam ter o aspecto de acusações, porque não é meu fim acusar ninguem, mas tão sómente referir a verdade sucinta sobre o meu comportamento, durante aquélas horas de infinita tristeza.

Nada mais.

Antecedentes da revolução

Quando, nos primeiros mezes do govêrno presidido pelo sr. Ferreira do Amaral, circulavam mais insistentemente boatos de proximos movimentos revolucionários, recebi ordem do ministerio do reino para pôr á disposição do comando da 1.ª divisão militar as forças das guardas municipais, para fins de manutenção de ordem publica.

Tratando-se, naturalmente, de sufocar qualquer tentativa revolucionária e conversando com o então governador civil de Lisboa, sr. Azevedo Coutinho, manifestei a opinião de que éra conveniente reunirmo-nos com os comandantes da divisão e da policia, para assentármos nas medidas a tomar quando se désse a oportunidade.

Do mesmo parecer era sua ex.ª e por isso, convocou para sua casa a reunião, que se efectuou assistindo os srs. Azevedo Coutinho, chefe do distrito; Craveiro Lopes, comandante da divisão; Moraes Sarmento, comandante da policia e eu como comandante das guardas.

Discutindo o assunto resolveu-se que o comandante da divisão e eu nos ocupassemos de consertar o plano de acção das tropas de nossos comandos, o que se fez sem demora, ficando definitivamente combinádo esse plano em relação a cada uma das tropas, municipal e guarnição de Lisboa, e da sua ligação.

* * *

Mais tarde, havendo sido atingido pelo limite de idade o sr. Craveiro Lopes, sucedeu-lhe no comando da divisão o sr. general Gorjão.

Quando fui apresentar os meus cumprimentos a sua ex.ª faleilhe da ordem do ministerio do reino antes referida, a fim de conhecer das suas intenções ácerca do assunto. Disse-me o sr. general que não existia no comando da divisão ordem alguma a tal respeito e que, por consequencia, não podia considerar as guardas á sua disposição. A isto repliquei:

— «V. ex.ª não as considéra á sua disposição, mas eu é que não

General MALAQUÍAS DE LEMOS

Comandante das guardas municipais de Lisboa

Descripção da sua acção durante a revolta de Outubro de 1910

OUTUBRO
1911

blicação. Por tal motivo cumprimentâmos o nosso coléga desejando-lhe ao mesmo tempo muitas prosperidades.»

De *O Combate*, Guarda:

«Entrou no 5.º ano de publicação êste nosso coléga de Aveiro, cuja acção energica se tem sentido naquêle meio, rebatendo, nos ultimos anos da monarquia, a acção dissolvente e têrpe de jornaes que formavam a guarda de honra do clericalismo dominante.

Os nossos cumprimentos.»

De *O Severense*, Sever do Vouga:

«Entrou no seu 5.º ano de publicação o intemerato *Democrata* proficientemente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro. Felicitâmoso nosso presado coléga, e congratulamos-nos tambem pela brilhante marcha que ha quatro anos encetou, da qual não tem arredado uma linha. Sem o menor favôr, é o jornal a quem o partido republicano mais deve nêste distrito.»

A todos os nossos confrádes e amigos néstas colúnas deixâmos expresso o nosso reconhecimento.

Comunicados

A POLITICA EM TABOA

Quando nos referimos ao boato de que havia irregularidades na arrecadação das receitas municipaes, saltounos á frente, muito abespinhado, o sr. Matias da Fonseca, vogal da câmara demitida, para nos dizer que procedêramos de animo léve, que nos informassemos, e que se realmente houve as tais irregularidades, a nossa obrigação era pôr tudo em pratos limpos. Rimo-nos da esperteza, ou ingenuidade, do sr. Matias, porque informados estávamos nós, e a nossa referencia ao boato circulante, envolvia um aviso a quem tal atenção nos merecia.

Tendo de voltar ao assunto, levantámos uma pontinha do véu, que envolvia as irregularidades, e não faltámos aos devêres da educação que nos pertenciam. Não obstante, o sr. Matias, que ainda então tomou a nuvem por Juno, e que não teve forças para domar os nervos, para não dizer outra coisa, voltou á estacada para nos injuriar—para nos dizer que o sr. Germano Marques, seu coléga na câmara, *desinteressadamente* se oferecêra para cobrador do real de agua, e que se alguma quantia ainda existia em divida, éla se encontrava no *deposito!!*

Em má hora o sr. Matias falou com algum amigo... de Peniche...

Quanto á educação manifestada por nós, devo dizer-lhe que éssa manifestação nos não encomoda, porque quanto a educação cada um fica com a que tem. Com referencia ao *desinteresse* do sr. Germano, ou do seu compadre Germano, registo-o para ocasião oportuna; e quanto á suspeita de qualquer quantia no *deposito* ha, pelo menos, a confissão tácita de que nem tudo, isto é, nem todos os dinheiros pertencentes ao municipio, e cuja arrecadação honesta e regular incumbia ao sr. Matias fiscalisar, se não encontrávam no cofre da Câmara, como a lei manda, e o decôro da corporação exigia, mas sim no tal *deposito!*

Mas que deposito é êsse, sr. Matias?

Parece que o honrado coléga do compadre Germano, pretende colocar êste em má situação.

Aproxime e combine o leitor o *desinteresse* do cobrador, com o *deposito*, que só êle conhece, e diga-nos se o sr. Matias deixa o coléga em bons lençóes.

Queremos crêr que o sr. Matias deve estar altamente arrependido de mentir, de subscrever o que para aí apareceu, condenando o nosso *pio agoirento*, que simúla não gostar.

Pois aguente-se e repare no que déram as suas arremetidas.

E' o jornal *O Taboense*, que fazendo o extracto duma sessão da câmara, diz:

Pelo vogal, sr. Castanheira Diniz, foi proposto que a câmara tratasse de saber qual o destino que tinham levado 41$834 reis do real de agua, que não tinham entrado em cofre. Segundo declarações edoneas soube-se que o vogal da câmara transata, cidadão Germano Marques de Figueiredo, é que sabia dêste dinheiro, por isso a Comissão deliberou oficiar-lhe, afim de vir prestar contas.

Como se vê a câmara vae chamar o sr. Germano Marques para êle falar da cobrança, que fez, e talvez que o sr. Matias seja tambem chamado para declarar onde existe o tal *deposito*, que deve conter a quantia extraviada, ou como queiram chamar-lhe, dos cofres municipaes, ou sejam cêrca de 82:000 reis.

Se o sr. Matias nos quizésse ouvir, haviamos de perguntar-lhe se ainda mantém a opinião de que *quarenta e um mil oitocentos e trinta e quatro reis*, seja menos que *um real*. Mas não.

Deixa-lo, coitado, entregue ás suas cogitações e ao remorso de nos abandonar, isto é, de se remeter ao silencio, depois de se encravar tão levianamente.

Nésta altura, em que está aberta uma questão de moralidade e de dignidade, a retirada do sr. Matias é um verdadeiro desastre para êle e para a sua câmara. Ou o sr. Matias vem discutir e provar claramente, concludentemente, que tudo isso que se diz é uma falsidáde, ou se enterra no lodaçal.

Escolha.

Cóvas, 2 de março de 1912.

Antonio da Costa Paes Abranches do Amaral.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 2

Dévem partir ainda esta semana para o Brazil os seguintes cidadãos, naturais da freguezia de Alquerubim: Americo Alves Moreira, Miguel dos Santos Barreto, José Luis Henriques, Artur de Melo, Antonio de Figueiredo, Albano Rodrigues de Melo e Antonio Dias Pereira, de Paus.

A todos desejâmos uma feliz viagem e as mais invejáveis felecidades.

=Tomou já posse o novo professor de S. João de Loure, o sr. Antonio Fernandes Matias, da vila de Ilhavo.

Felecitâmos o povo daquéla freguezia por ter á frente da sua escola quem se hade impôr pelo seu método e pela sua competencia.

Cumprimentâmos afectuosamente o sr. Fernandes.

=Deu á luz uma creança do sexo femenino, a esposa do nosso amigo, José d'Horta, de Pinheiro.

Os nossos parabens e muitas venturas para a recemnascida.

=Para Coimbra partiu o academico Antonio Dias Leite, residente em S. João de Loure.

=Ao que nos consta, o sr. governador civil do distrito, conseguiu do ministro respectivo, o indespensavel para a continuação das obras na egreja de Alquerubim o que—diga-se em abono da verdade—era de toda a justiça.

=Fala-se, tambem, na construção da ponte, em Pardos, o que vem beneficiar, sobremaneira, os póvos das duas margens.

E', sem duvida, um dos mais importantes melhoramentos.

=Partiu para o Sul, o distinto clinico, dr. Arnaldo Lemos.

Feliz viagem.

=Os ultimos dias pódem-se classificar de primaveris—bélo sol, azul limpido, aragem tépida.

=Esteve entre nós o nosso amigo, Antonio Pires dos Santos e seu irmão, Manuel Pires dos Santos. Tencionam retirar, em bréve, para a capital.

Apetecêmos-lhes uma feliz viagem.

C.

Ultima hora

INVASÃO DOS BARBAROS?

Noticias do norte dão como cérta uma proxima entrada dos inimigos do regimen e da Patria, ao mesmo tempo que os tumultos rebentarão em determinádos pontos do país provocádos pelos conceiristas de dentro.

Que venham que cá nos encontrarão no nosso posto e ao povo, que nunca deixou de velar pela Republica.

Hoje, como ontem, como ámanhã, os verdadeiros patriotas saberão cumprir o seu devêr ao grito de: morram os traidores!

3

I

Aclarações prévias

Após os sucéssos de 4 e 5 de outubro de 1910, procurei refugiar-me num retiro em que me encontrasse a sós com a minha mágua e aonde não chegassem os écos das paixões tumultuosamente desenfreádas em tais momentos de agitação.

Efectivamente, com o espirito abatido pelo desgosto maior que poderia ferir-me ao cabo da minha carreira militar de 44 anos, sem mácula, sem esquecimento do dever, sem desfalecimento sequer, e ainda com a saude do corpo grávemente abalada, após tantos e tão rudes golpes e emoções, o que mais necessitáva eu era repouso e quietude.

Mas estes desgostos e males fisicos viéram agravar-se com algumas noticias, embora vagas, de que contra mim se faziam severissimos e injuriosos juizos, não faltando quem chegásse a falar da minha traição.

E' facil retalhar a honra de um homem, atribuindo-lhe caluniosamente actos que não cometeu ou desvirtuando os que dignamente praticou. A leviandade do vulgo faz o resto.

Durante longos mezes de doença moral e fisica, de que estou longe de encontrar-me rastabelecido, estive absolutamente impossibilitado de coordenar factos e reunir ideias para explicar o meu procedimento antes do movimento revolucionario e durante êle. Correram, entretanto, os can-cans, forjaram-se a meu respeito as mais odiosas lendas e creou-se um estádo de opinião que me é hostil, só porque a verdade foi falseáda.

Não ha duvida de que a Historia a todos fará justiça em seu dia repondo as coisas nos seus devidos logares; mas a justiça historica é lenta e eu necessito esclarecer factos que andam deturpados, para satisfazer a pessoas que me teem pedido informações sobre o assunto e elucidar outras que eu entendo déverem conhecer tais factos. A êsse esclarecimento venho, sem subtilezas, sem subterfugios, falar a linguagem da verdade, com a lealdade do soldado consciente de haver sabido honrar a sua farda e cumprir, até ao fim, o devêr.

E' a primeira vez que na minha longa carreira militar, recorro a este meio para justificar os meus actos, de que nunca dei conta senão aos meus legitimos superiores. E será tambem a ultima, pois que essa carreira está finda.